

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.610

Terça-feira, 26 de Fevereiro de 1924

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Combro, 38-A, 2.ª e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-A

Officinas de Impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

## A GREVE NAS DOCAS INGLESA

LONDRES, 25—Foi aceite pelos trabalhadores dos portos ingleses os termos do acordo provisório recentemente estabelecido pelos patrões, pelo que a assembleia dos delegados resolveu por unanimidade dar a greve por terminada, devendo ser retomado o trabalho em todas as docas amanhã.

## A CARESTIA DA VIDA

# O COMÉRCIO INSULTA O POVO!

Nestes últimos dias o custo dos géneros aumentou QUEREM GUERRA?—TÊ-LA-HÃO!

Se tivéssemos de nos deter para responder e analisar, um a um, os artigos de especulação torpe que os reacçãoários, da moeda e dos partidos burguezes tem publicado sobre a grandiosa manifestação de sexta-feira, perderíamos o nosso tempo. Temos mais que fazer. E como não há palavras que deslustrem esse acto admirável do povo de Lisboa, apenas persistimos em marcar, sublinhar a sua significação e os objectivos, que as forças-vivas afectam ao ter compreendido.

O povo não está disposto a aturar, por mais tempo, a exploração de que está sendo vítima. A manifestação grandiosa que agrupou no mesmo protesto, no mesmo cêro de revolta, cento e cinquenta mil lisboetas não é um caso banal que não mereça alguns minutos de atenção. Os exploradores, porém, muito receosos dos assaltos, muito respeitadores da ordem e da tranquilidade, longe de meditarem um pouco nas razões poderosas que trouxeram à rua um milhão de pessoas, prosseguem sem descanso na sua tarefa

### O povo de Santarém

Abrija os padeiros a manter o pão ao preço antigo — Uma atitude que é um exemplo

SANTARÉM, 25—C. — A agitação popular tem sido intensa. A indignação crescente contra o sucessivo aumento do custo da vida, que há dias se verificou, atingiu, hoje, proporções insuperáveis. Se hoje que deveria ser aumentado o preço do pão de 1570 para 1580, os apanhados não se coceados desde a grandiosa manifestação de sexta-feira, redobram de intensidade nos protes-

tos e, de manhã, em plena praça, grupos erguiam a sua voz de rebelião, ao mesmo tempo que os sinos tocavam fortemente a rebate. O operariado abandonou as oficinas e obras sendo completa a paralisação. Os grupos aumentam-se, os protestos são mais vibrantes, da praça levantam-se todos os géneros e as bancas.

A primeira padaria a ser invadida foi a de Ventura Fernandes, onde o povo obrigou a venda do pão a 1570, preço anterior. A multidão engrossa consideravelmente, os sinos das várias torres tornam-se ensurdecedores. O camarada Manuel Rodrigues, sobre a cabeça de uma banca da praça e ataca energicamente os gananciosos especuladores e

ignominiosa de roubar. E não pensam que estão brincando com o fogo, e não reparam que estão atecendo com as suas próprias mãos o incêndio que os queimará. Temem a revolta e fomentam a revolta; receiam os assaltos e provocam os assaltos—sem o menor sentimento das responsabilidades, julgando que os seus crimes ficarão eternamente impunes. Sabem que o Estado, que é seu, que está na sua dependência, não tomará medidas de vulto para fazê-los encolher as garras. Por isso—vá de roubar, de explorar, de, sem reboço, assassinar aos poucos uma população inteira!

De sexta-feira até hoje, muitos géneros cresceram de preço. Não se trata agora somente duma especulação baixa, nascida num egoísmo estreito—trata-se dum insulto lançado ao povo, e ao qual este tem de responder altivamente.

E' o próprio comércio que está indicando ao povo o caminho da Revolução.

acaba por afirmar que a Revolução Social, se aproxima.

A massa que se comprimia apinhada grita entusiasmada:—Viva a Revolução Social!

No ar surge uma bandeira negra em que se lê: "Bandeira da Fome!" Resolve-se percorrer as demais padarias.

O camarada Manuel Rodrigues, o chefe Pedro e mais alguns populares formam uma comissão que, seguida da multidão enervada, erguendo protestos, pela Rua Serpa Pinto, entram na Rua Guilherme de Azevedo e invadem a padaria Palmeira, onde igualmente obrigaram a venda do pão a 1570. Nesta altura, uma carroça com fari-

nhas dirigiu-se para esta padaria, mas o carroeiro ao avistar a manifestação, tentou retroceder. Foi apreendida a farinha e levada para o commissariado.

Mais uma galera com farinha da mesma padaria foi apreendida, sendo 43 o número de sacas de farinha arroladas. A multidão prossegue nas padarias e percorre ordenadamente as padarias e armazéns. Nas ruas apparece uma patrulha da Guarda Republicana, a pé, que felizmente não teve que fazer.

As autoridades não têm-se nos seus postos e vigiâncias ante a excitação que domina o povo. Hoje effectua-se uma reunião de revolucionários sociais para constituição dum comité d'acção nesta cidade.

o destituição e incompetência da administração capitalista e governamental, não são estranhas as próprias corporações que se constituem também em pilares do Estado. . . a abanar...

Referimos-nos, por agora aos funcionários dos vários ministérios.

Esses funcionários públicos desta cidade effectuaram ontem, pelas 21 horas, uma importante reunião, a fim de claramente definirem a sua posição perante a atitude dos seus colegas da capital.

Inteirada a assembleia das comunicações dimanadas da central da Associação dos Funcionários do Estado—ela logo se pronunciou abertamente de harmonia com a acção adoptada pelos funcionários de Lisboa, proclamando: «Outro de sofrer, também a greve dos braços caídos—nomeando um comité secreto e comissões de resistência e vigilância».

Deixemos-nos de ficções e de subterfúgios. Os republicanos encaram a sério. O grave problema que está posto e entram abertamente num movimento de transformação da vida económica do país, reduzindo à impotência as oligarquias burguezas, sem se assustarem com a sua existência que será nula em face da quasi unanimidade da população; ou caminhamos para uma revolução por ventura desorganizada e violenta, para que o povo será fatalmente arrastado pelo desespero de se ver constantemente ludibriado.

Chegou a hora das decisões. Se os republicanos não se intencionam a não aproveitarem, bem se sabem que amanhã tiverem a lamentar a explosão da cólera da multidão. Porque a futura revolução será tanto mais violenta, quanto maior tiver sido até lá a transgressão dos que hoje detem todos os poderes e permitem todas as opressões e injustiças sociais.

Campos LIMA.

## OS PROTESTOS DO POVO

# A CRISE ECONOMICA

Não pode ser resolvida senão em harmonia com as aspirações populares

As últimas manifestações produzidas em Lisboa são a mais eloquente demonstração de que o Povo se não ilude já com meros paliativos, expedientes para retardar tempo, e não acredita na possibilidade das medidas radicais que as necessidades públicas reclamam, emquanto fôr a burguezia que detém o poder económico. O caso posto pelo governo, como uma grande medida de energia—a coacção sobre a Companhia dos Tabacos para entrar no Tesouro com o dinheiro que ilicitamente pretendia deixar de pagar—é, já, o disse, uma medida muito insignificante para aquilo que se pretende. A Companhia para lesar os direitos do Estado, fê-lo legalmente e porventura com a condempnabilidade de um funcionário pouco zeloso; mas pior do que isso é o prejuízo que resulta para o público, e esse legalmente autorizada, da exploração feita pela Moagem e pelas outras oligarquias financeiras e económicas, com a aquiescência de todos os governantes (ministério e Parlamento).

Se a energia do governo não vai senão ao ponto de reparar as ilegalidades obrigando apenas ao cumprimento da nenhuma vanto em prática e apre-

ciavelladivir à população. Porque o que é essencial e absolutamente indispensável é alterar precisamente a situação legal que a República criou aos exploradores, permitindo-lhes, dentro das leis, a mais espantosa opressão económica a que temos assistido.

Constranger a Companhia dos Tabacos ao cumprimento de lei e manter a lei odiosa que permite à Moagem e ao comércio a exploração dos consumidores e que se instituiu, em nome da liberdade do comércio e da indústria e liberdade do Povo desprotegido ao domínio das classes possuidoras. Sem mudar a estrutura do regime, baseado a vida social nos alicerces, não há já possibilidade de atalhar o mal de que sofremos hoje todos.

Não há o direito de deixar nas mãos das minorias capitalistas certas indústrias que constituem verdadeiramente um serviço público e que são essenciais à vida. A agricultura em grande escala, a moagem e panificação, não podem deixar de ter um carácter social. A sua expropriação ou nacionalização impõem-se como uma medida que nasce das próprias circunstâncias e que para ser posta em prática não precisa da

justificação que lhes dão todas as doutrinas socialistas mas o próprio espírito do Código Civil, que, acima de tudo, reconhece o direito à vida e legítima portanto tudo quanto em sua defesa se possa fazer.

Deixemos-nos de ficções e de subterfúgios. Os republicanos encaram a sério. O grave problema que está posto e entram abertamente num movimento de transformação da vida económica do país, reduzindo à impotência as oligarquias burguezas, sem se assustarem com a sua existência que será nula em face da quasi unanimidade da população; ou caminhamos para uma revolução por ventura desorganizada e violenta, para que o povo será fatalmente arrastado pelo desespero de se ver constantemente ludibriado.

Chegou a hora das decisões. Se os republicanos não se intencionam a não aproveitarem, bem se sabem que amanhã tiverem a lamentar a explosão da cólera da multidão. Porque a futura revolução será tanto mais violenta, quanto maior tiver sido até lá a transgressão dos que hoje detem todos os poderes e permitem todas as opressões e injustiças sociais.

Campos LIMA.

# O movimento dos funcionários

tem-se intensificado duma maneira extraordinária Os empregados do Estado no Porto assumem uma atitude de nobre solidariedade

O movimento de protesto dos funcionários públicos prossegue sem desalento. Apesar das estúpidas e provocantes atitudes e decisões governamentais, o movimento em vez de diminuir, alastra-se, tendo já atingido os serviços externos. Os funcionários públicos afirmam e demonstram que as suas reclamações estão de acordo com as leis que estabelecem a melhoria de situação. Essas leis não tem cumpridas por este governo que assou o reles e vergonhoso expediente dos governos que o antecederam. Consta este expediente em atentar contra as leis, recusando-se a cumprir-las. Essas leis foram feitas por um governo e um parlamento e não foram revogadas. Desrespeitando-as, o governo atenta contra a sua existência e contra a existência do parlamento. Os funcionários exigindo o seu cumprimento, além de defenderem os seus direitos, colocam-se dentro do respeito às decisões governamentais e parlamentares.

Ontem, no parlamento foi apresentada uma moção armando de plenos poderes o governo para exercer contra o funcionalismo toda a espécie de violência. Essa moção foi redigida duma maneira covarde, hipócrita e cínica. Contudo, a intenção com que ela foi apresentada e os termos ambíguos em que ela se encontra redigida destinam-se a apoiar antecipadamente todas as violências que o governo tenha a intenção de perpetrar.

A moção foi aprovada. Contra ela

### Pessoal dos hospitais

Reúne hoje, pelas 21 horas, em sessão magna, na sede do seu sindicato, Travessa de São Bernardino, 11, a fim de apreciar o movimento do funcionalismo e resolver a sua atitude, visto que a maioria deste pessoal está recebendo ainda vencimentos de 368\$00 a 480\$00!

Dada a importância de assuntos a debater, é de esperar que todas as classes hospitalares se façam representar nesta reunião.

### Nota oficiosa do Comité Central

Atendendo às resoluções tomadas na assembleia geral realizada no sábado passado pelos funcionários na sua associação de classe, todo o funcionalismo aderiu ao movimento de protesto iniciado pelo ministério das Finanças e dessa situação nasceu o actual comité, tendo este já resolvido:

Sidrar toda a imprensa que se encontra contra o acto do funcionalismo, bem

como os seus colegas dos Correios e Telégrafos, Pessoal Menor de todos os ministérios e as suas colegas das secretarias de Estado, pela sua atitude leal para com os seus camaradas.

Registrar com satisfação a adesão ao movimento de todo o pessoal da secção dos câmbios;

Deliberar que todas as Repartições de Contabilidade continuem conferindo e ordenando o pagamento dos vencimentos de todos os seus colegas, devendo as folhas ser remetidas à Secção do Visto do Banco de Portugal, na 2.ª Repartição da Fazenda Pública;

Apoiar todos os movimentos contra a carestia da vida;

Aconselhar a todos os seus colegas que se abstenham de sucessivas entrevistas a jornais, a fim de evitar confusões e mal entendidos, respeitando e cumprindo as ordens emanadas do comité por intermédio das suas comissões de vigilância;

Recomendar a máxima união e solidariedade, mantendo-se sempre na atitude de energia tomada, defendendo-se de todos os golpes de preto, pois que assim o movimento será ganho.

### NO PORTO

E' seguido o exemplo de Lisboa — Resoluções simpáticas

PORTO, 23.—A luta pela vida contra os governantes, e consequentemente contra o Estado, intensifica-se em todas as classes sociais. E neste eleva- arribas pela comu- ta dum melhor bem estar, nesta verdadeira rebelião contra

### COM SIMPATIA

O «Mundo» tantas vezes deu ao nosso jornal que acabou por descobrir-lhe maquirots que é um vocábulo errado visto que de nenhum modo é o plural de maquirot. Faz bem o «Mundo» em reparar no facto, pois assim mostra que se não esqueceu de em tempos o termos esclarecido, a fim de nas suas colunas se não que nos gostamos.

De resto, entre pessoas inteligentes e de boas qualidades de assimilação, como o articulista do citado jornal, outra coisa não era de esperar.

E', pois, com alegria que constatamos não termos perdido, pedagogicamente falando, o nosso tempo...

### Tribunal de Arbitros Ruidores

Para um assunto urgente devem reunir hoje, no gabinete de A. S. O., os delegados operários ao tribunal de Arbitros Ruidores.

# Ante uma iniquidade, prestes a consumir-se

## O NOVO JULGAMENTO DE MANUEL RAMOS

Não devemos aspirar a que a actual justiça corresponda ao seu nome—não devemos tentar escrever os signos da Razão, da Equidade, à margem dos códigos.

Isso era querer transformar a própria iniquidade—era suavizá-la, atenuá-la, em vez de destruí-la.

A justiça burguesa é um doce eufemismo da Vingança, da Incoerência—e só pode satisfazer aqueles que em vez de massa encefálica tenham na cabeça blocos de pó.

Proscrita de todo o critério sãovivna da Razão—a justiça contemporânea é adversária de todo o livre raciocínio, porque ela é o próprio raciocínio escravizado—reduzido a fórmulas, é dizer, a códigos.

Essa justiça jamais pode merecer a aprovação do homem-mentar—do homem que não tenha o cérebro obsecado—do homem que conheça o ambiente que gera o criminoso, as tragédias, intimas que justificam o crime.

Tudo o crime obedece a uma razão—lorte—so a justiça, ao cometer esse paradoxo que é castigar um crime cometendo outro crime, obedece a uma abstracção.

Não temos, pois, que exigir justiça da Justiça Burguesa—temo-nos de voltar contra esse veredictus injusto, de desdenhar suas sentenças inexoráveis, até ao momento em que uma Razão-Nova, que só duma Nova-Sociedade pode nascer, venha debruçar-se, para compreender-las e senti-las, sobre as paixões humanas.

Manuel Ramos veio agora enfileirar-se nesse cortejo de injustiças e de incoerências, que a justiça dirige desde sua alta penha de erros.

Um dia, Manuel Ramos, é levado ao Tribunal de Defesa Social—e este condenado, manda-o entregar ao governo, Mas o T. D. S., um novo fruto da odi-

sa árvore do Bem e do Mal, na qual cultura se enroscou a serpente bíblica e hoje ostentam sua áspide venenosa essas viboras famintas que são as leis de excepção. E, Manuel Ramos, a quem as gazetas burguezas, pressurosas em basilizar o público, fornecendo-lhe inverosímeis e macabros folhetins, haviam tecido uma auréola de sangue e terror, atribuído-lhe numerosos crimes, é remetido ao tribunal comum.

Os jurados ouvem ler o vasto processo—as formidáveis acusações—escrutam o indigado criminoso—evocam as causas que justificaram o delicto—e acabam por absolver a Manuel Ramos.

Entre os jurados há pessoas cultas—há os que são adversos à causa social—e nenhum deles recebe ameaças anónimas...

Esses homens procedem conforme a sua consciência—procedem em honestidade à verdade—e tentam com sua decisão integrar a justiça no seu verdadeiro papel.

Manuel Ramos está absolvido pelo tribunal comum, mas não está em liberdade—sobre ele pesa ainda a sentença do tribunal de Defesa Social.

A imprensa mercenária, porém, não desajava ver desmentido o folhetim que escreveu sobre Manuel Ramos—não desajava que surgisse desafiado aquele homem que ela apresentara como um napoleão do Crime.

E atacou o tribunal. E vilipendiou os jurados. E contagiados pelo ambiente, no Parlamento, alguns apóstolos da Estultícia, seguem o exemplo dessa imprensa caluniadora...

E aqui o bonzo da justiça perde sua impossibilidade—e tenta negar aquelas afirmações que por momentos o haviam acreditado nas almas honradas.

Não se tinha cometido uma injustiça—e ser justiça não é a missão da justiça.

Ferreira de CASTRO

# Um leão no alto mar

lança o pânico entre a guarnição dum navio de guerra português

Foi em 1886, no Cabo Guardafui, que o caso se passou, a bordo da canhoneira «Douro», a caminho de Moçambique.

A meia-noite rendeu-se o quarto, na forma do costume. Ainda mal disposto tomou conta do leme.

Mar de senhoras, luar esplêndido, autêntico, dos trópicos. «Vento do portão» e oito milhas à hora, que era o mais que podia dar. Governo ao risquinho da agulha, malagueta cá, malagueta lá.

Na ponte o oficial de quarto; vigia à prôa; plantão à jarra. Pouco depois a marujada de quarto, aveludada e o melhor que podia, na tábua e pelo convés fora, até à prôa.

Alguns marujos fumavam e outros conversavam junto das amuradas, dos rebordos e dos reparos das peças.

De primeira viagem lá a bordo um padeiro contratado, beirão espaduado, de grandes barbas ruivas, homem simples, bondoso e sincero, cuja missão principal consistia no fabrico do pão para a oficialidade do navio.

Além da moléstia própria dos indivíduos da sua profissão—a demasiada moleza de padeiro—padeira ele de fome e canção do encontro das feras quando se visse finalmente em Africa.

Os leões, sobretudo, exerciam no seu espírito a mesma impressão de terror que exercem entre nós, actualmente e sobre os consumidores, em geral, essas feras terribes que nos devoram e vem a ser os leopoldos do balcão e os tigres assaburcantes.

Como eu vinha dizendo lá o barco na água em pleno mar e sem se dar muita pressa de chegar ao seu destino. Apitou a fôrça nas cinzas, serviço que se fez em menos de meia hora e logo tudo voltou à ordem anterior.

A prôa, a bombordo, junto da amurada, deitado, estava o marujo, o único

boi que restante duma manada que se metera no Adem para consumo da guarnição e que, sendo bravo como um touro de Miura, salu de bordo, em Quelimane, tam manso como um cordeiro.

Marujos propriamente ditos faziam cabeceiras da barriga do boi que se pava pela companhia deles, manifestando o seu contentamento com o lambel-lhes a cara, coisa aliás pouco agradável porque o diacho do boi tinha a língua tam áspera como uma lixa de peixe.

Tinhamos, porém, que gramá-lo. E, mal por mal, antes disso que as cornadas que ele nos dava quando entrava a bordo e nos pilhava a seu jeito, até que, à força de lambel o fundo ao tacho, se pôs macio como veludo, a ponto de se tornarem querido de todos, menos do engenheiro que era um grande comilão e fez todo o possível para saborear o fômbro do marujo, o que não conseguiu porque o comandante, Augusto Marques da Silva, que era um santo homem, indultou o boi que, pessoalmente e nesse sentido lhe apresentou, na tola, um memorial espetado nos cornos que eu redigi e escrevi por meu punho, em nome da guarnição, infringindo assim os preceitos da disciplina militar com essa representação colectiva a que o nosso bom comandante fez vista grossa, dizendo textualmente ao marujo, ao mesmo tempo que lhe passava a mão pelo focinho: «Sim senhor, está perdoado. Vá-se embora que ninguém lhe faz mal».

E logo o boi ficou a bujarrona e se pôs a caminho da prôa, a rir-se para dentro, do mau semblante do engenheiro, que era então o encarregado do rancho dos oficiais e que, de certeza, não esperava aquele desfecho.

Mas vamos lá ao leão, que já não é sem tempo.

A prôa, a bombordo, a água e tudo na mesma como ao render do quarto.

No sino, à prôa, o grumete de ronda, tocou uma hora.

A bombordo e estibordo, a dois e dois, alguns marujos faziam os seus passos no convés, do mastro grande até à prôa, conversando para passar o tempo.

De repente, no silêncio de bordo uma voz cavernosa, como que de célebre gageiro da nau Catrineta, bradando—terra—do cesto de gaves, tiradon, possante e assustadora:—O leão!

O que então se passou a bordo de velho chaveco, não saberia nem poderia em descrevê-lo em todo um longo capítulo do mais volumoso tomo.

Eu por meu turno o meu companheiro largámos o leme por mão, julgando que o leão saltara pela popa de barco.

Outros que dormitavam, estendidos pelo convés ergueram-se, dum salto. Os que faziam os seus passos estalar, fugindo dos deles em direcção à prôa e até o próprio boi se poz de pé

## A BATALHA

não pode manter-se ao preço de vinte centavos

FALAM OS NÚMEROS

A despeito dos esforços que temos feito para manter *A Batalha* a 20 centavos, verificamos que tal não nos é possível.

As despesas crescem dia a dia, o preço do papel não deixou ainda de subir as verbas de composição, redacção e administração são respeitáveis; limpeza, casa, luz, selos, impostos, tudo isso custa muito e cada vez mais. Temos tentado fazer reduções. Mas reduções como? Se reduzido fôr o nosso jornal, estaremos a reduzir a qualidade e a frequência e outro recurso não nos resta senão o de aumentar o preço do jornal.

Antes de aumentarmos o preço queremos dizer hoje, resumidamente, por números redondos e aproximados, por quanto nos fica cada exemplar em média que é como segue e amanhã ou depois falaremos mais de espaço com números mais largos, para que todos os camaradas vejam que não é o espírito de amalhar que nos move no aumento de preço do jornal.

Eis os números exemplificando o custo:

Por cada exemplar numa tiragem média de 10.000 exemplares:	
Papel.....	\$07
Composição.....	\$05
Redacção e Administração.....	\$03
Expediente, estampilha, etc.....	\$03
Comissão de venda.....	\$06
Casa, luz, impostos, etc.....	\$02
Informação.....	\$01
	\$27

Por este rápido esboço verão que é impossível continuarmos a fingir que podemos manter-nos assim cavando e ruína do jornal.

É preciso que tenhamos coragem para defrontar a situação e dar ao jornal o que ele merece. E' o que trataremos daqui para o futuro. Realizá-lo temos com audácia e esperamos encontrar o apoio de que tanto carecemos para que dentro em breve *A Batalha* seja um jornal como as necessidades o requerem.



# O povo do Barreiro

afirma, num imponente comício, a disposição de, por todos os meios, defender o seu direito à vida

BARREIRO, 22. — C. — Foi extraordinariamente concorrido o comício que, contra a projectada ditadura e carestia da vida, se realizou hoje, promovido pelo Comité dos Revolucionários Sociais do Barreiro, na vasta Casa dos Ferroviários, desta vila.

Presidiu António José Piloto, secretário por José João Rodrigues e Leopoldo Calapez, tendo usado da palavra Carlos Vicente, pelos revolucionários sociais do Barreiro; Rozendo José Viana e Júlio de Matos, pelos revolucionários sociais de Lisboa; José Martins Grilo, pela C. G. T.; Abel Pereira, pelo partido comunista; Manuel Silveira, pela Federação das Juventudes Sindicatas; João Luís, pelo Núcleo Sindicalista; Francisco Fernandes, pelo Sindicato dos Corticeiros do Barreiro; Luígero Cigarrito, pelos radicais; Adriano Pimenta, pelo N. S. Sindicalista do Barreiro e por último, Miguel Correia.

Todos os oradores, por entre os calorosos aplausos da multidão, verberaram e maneira indigna como se tem comportado os governantes, pactuando com os magnates da finança e do comércio que tem reduzido o povo à extrema miséria e que, tendo a hora da justiça, pretendem abafar os anseios de liberdade desse povo, tornando mais odiosa ainda a tirania que sobre ele pesa. Registrou-se, como demonstração incontroversa da falência do regime burguês, o facto de os governantes confessarem a sua incompetência para resolver o problema da fome, pois de facto quem governa é a Moagem e polvos equivalentes.

Registrou-se ainda a invencível reputação que o povo manifesta já por todos os políticos, convencido, de que eles não passam de fideis servilistas da insaciável burguesia, com quem tem interesses ligados, quer de ordem moral, quer de ordem material.

A revolução emancipadora do povo que trabalha e tem, como prémio, o vilipêndio, foi considerada, pelos oradores, como a inevitável e próxima consequência da opressão económica e política em que se vive. Esta afirmação empre que era proferida, arrancava à mena assistência delirantes aplausos, de me passaram a transcrever as conclusões.

1.º. Aconselhar todo o povo trabalhador a desprezar os políticos de todas as nuances, considerando-os como responsáveis da situação actual;

2.º. Desde hoje o povo, descrente de anarquias, entende que só um único acto existe para resolver a questão, e que é a Revolução Emancipadora. E

com ele tem poucos ou nenhuns a que stava servindo de travesseiro. Seguiram-se uns instantes de espectáculo misturado de terror e até o padreiro que havia adormecido na tola, até a cabeça de galinhas, por onde arde a ponte, até esse estava de pé, e cabelo como as barbas ericadas, melonho de se ver, à luz vivíssima do luar.

Fui esbarrar com o homem. O leão! — berrou ele — O leão! Compreendi tudo.

Rebentou uma gargalhada e notei que o oficial de quarto também ria, as andanças desprezadas.

Fora o caso que o padreiro, consoante lhe próprio me contou nessa mesma noite, enquanto estava a sua fornada, tendo dormido sobre a capoeira, pôz-se a onhar com a África e, a certa altura do sonho, quando seguia por uma floresta, saltou-lhe à frente um grande leão que lhe deu as patas aos ombros e lhe arrancou a cabeça dum dentado. Não sei por que em diverso ponto presenciava as manifestações realizadas contra a carestia da vida, lembrei-me da daquela cena que deixo descrita e não teve coisa alguma à fantasia.

O leão! Mas desta vez não era o sonho dum padreiro, a bordo dum navio de guerra. Não era o pesadelo dum pobre diabo, ingénuo, sincero e medroso de feta.

O leão estava ali, na minha frente, alutante, colérico, raivoso. O leão, por momentos desentorpecido, estava ali, a sacudir a juba, bem senhor de si, reconhecendo perfeitamente a sua força tremenda, irredutível. Eaa bem ele, o leão popular, a rugir no deserto da indiferença oficial.

Era ele, o leão da Rotunda e de Monsanto, descendente, em linha recta, de aquele outro que sacudia o jugo dos Filipines em 1640, como é provável que ainda alguma vez seja preciso sacudir outro jugo ou pior.

Era ele, o descendente dos leões do Bussaco, de Aljubarrota, das linhas de Torres Vedras e do cerco do Porto.

O outro, o de bordo do «Douro», só o viu e ouviu o padreiro adormecido sobre a capoeira das galinhas.

Ainda assim e só por que o pobre dorminhoco lhe citou o nome, perto de cem homens se encheram de terror.

Aquele, de antemão, que eu vi sacudir a juba e ouvir rugir, devo confessar que não me causou mais algum.

Resta saber se ouviram o seu rugido os padreiros e os moageiros desta «nu de pedra».

Resta saber se o viram e ouviram os representantes das forças vivas deste país agonizante.

Praza aos céus que sim e que o leão popular que antemão se manifestou, como se via, não tenha motivo para sair outra vez dos seus hábitos amadorados, passando, por consequência lógica, dum simples e muito notável exercício do seu direito de legítima defesa, quando e dum vez por todas pretendam aniquilá-lo inteiramente, dando o mesmo destino à sua prole estiolada e faminta e à leão que dificilmente a alimenta.

Praza aos deuses que sim, partindo-se do princípio que uma advertência não é de maneira alguma uma ameaça.

No interesse de todos não se faça confusão nem se inverta a significação dos factos que não se inventam e das palavras cuja significação não deve ser invertida, o que seriam duas cabeças pelo mesmo motivo.

José BENEDY

assim resolve dar todo o apoio a qualquer movimento que a C. G. T. ou outro organismo de carácter revolucionário tente levar à prática. — O Comité dos Revolucionários Sociais do Barreiro.

1.º. Protestar contra a tentativa duma revolução que estabeleça a ditadura em Portugal;

2.º. Impedir por todos os meios, ainda que para tal seja necessário pegar em armas, a implantação de qualquer regime ditatorial;

3.º. Apoiar qualquer movimento que a C. G. T. ou outro organismo de carácter revolucionário resolva levar a efeito nesse sentido. — O Comité dos R. S. do Barreiro.

1.º. Repudiar toda a acção parlamentarista, porquanto ela só serve para proteger os assambradores;

2.º. Marcar ao governo um prazo para atenuar a carestia da vida, findo o qual o povo procurará por todos os meios de que dispuser, satisfazer as suas instantes necessidades;

3.º. Permanecer de atalaia e pronto a secundar a acção que, porventura, a C. G. T. e outros organismos revolucionários desenvolverem para impedir que tenham realização os torpes planos dos revolucionários mancomunados com os banqueiros e mais exploradores.

Foi ainda aprovado o seguinte protesto:

«O povo do Barreiro, reunido em comício público, ao ter conhecimento da proibição do comício contra a carestia da vida que a U. S. O. de Lisboa tentava realizar, protesta energicamente contra essa violência, que demonstra pretensão de amordagar o povo que clama ter fome».

Terminou esta grandiosa manifestação popular com entusiásticas vivas, intensamente correspondidos, à C. G. T., Batalha, Revolução Social, presos por questões sociais, etc.

Pelo respectivo comité são convidados todos os revolucionários sociais do Barreiro a reunirem amanhã, pelas 21 horas, no local da primeira reunião, devendo comparecer também os camaradas que, por lapso, não tenham sido directamente avisados.

**Os anarquistas perante a planeada ditadura**

O grupo anarquista «O Semeador» vai editar um manifesto de que destacamos o seguinte trecho:

«Contra o povo que tem fome, que tressa para os felizes da terra gozarem; contra o povo que tem direito à vida, à liberdade que é a vida contra o povo que protesta, feito de exploração, não basta dos reacções que vem o padre embrulhado para o conformar com a sua desgraça; não basta que venha o magistrado manietado com os artigos do código; não basta que, quando pede, lhe deem batinhos, benções e balsas!»

E' preciso que um regime de terror, de espionagem e de massacre tape a boca ao povo quando reclame pão, o sangue brutalmente quando peça justiça, que a espada dos assassinos venha sufocar-lhe na garganta o grito de raiva por se sentir tam expoliado, tam vilipendiado, tam escarnecido!

Do Anarkia Grupo La Vero recebeu contra a ditadura em projecto um vibrante protesto que termina assim:

«Queremos Justiça! Queremos Liberdade! Por isso combatemos com todas as nossas forças o crime que se intenta praticar, como combatemos o banditismo e a crápula já existentes. Somos, por princípio, adversários da autoridade, mas sob todos os aspectos e nestas condições, muito especialmente atacaremos qualquer ditadura!»

**NO PORTO**

**Sessão de protesto promovida pela Juventude Comunista**

Promovida pelo Núcleo de Juventude Comunista do Porto, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de protesto contra a ditadura. Efectuar-se-á no Sindicato Unico do Vestuário, à rua Saraiva de Carvalho, 29, 3.º. Convidam-se a assistir todos os jovens comunistas, sindicatos operários, agrupamentos revolucionários, colectividades liberais e todo o povo em geral para, com a sua presença, demonstrar que não está disposto a tolerar que lhes cerceiem as escasas liberdades que tem tido grandes sacrificios sem conquistado.

**S. M. Metalúrgico do Porto**

A assembleia geral, na sua última reunião, depois de manifestar o seu protesto veemente contra o facto de os elementos reacçãoários pretenderem eliminar as poucas liberdades conquistadas, com muito sangue, pelo povo trabalhador, resolveu aguardar as deliberações que sobre o assunto tomarem a C. G. T. e a U. S. O. local, dando-lhes o seu prévio e incondicional apoio.

**Fazendas para homem e senhora**

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

**Figueirinha — A. S. R. — Diário e Suplemento ficam pagos até 11 de março.**

**Vila Nova de Baronia — As dos Rurais — Os 15000 foram para pagar a assinatura de novembro a janeiro não incluindo o suplemento.**

**Coimbra — A. S. J. — Manual de Torneio está esgotado.**

**Fazendas para homem e senhora**

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

**Fazendas para homem e senhora**

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

**APOLO** Telefone N.º 4128  
A's 9 h 15 em ponto  
HOJE: Festa do actor Artur Rodrigues, dedicada ao escritor Lino Ferreira. Reparação do qual — Sol e Sombra — a revista «Eu sei tudo» em que e festejado o desempenho do seu antigo papel de Gábril.  
A representação de **Fruto Proibido** da revista **Amor**: Festa de Hóbeche Bastos, com um sensacional espectáculo.  
«Quinta-feira» Recita de homenagem a LINA DEMOEL. Pela 1.ª e única vez, e em travessia, Elisa Santos em «O Cartaz da Propaganda» e a festa dada em «O Regente da Filarmónica Nacional» — SÁBADO, 1.ª Inauguração das réguas do Carnaval. Despertar fantástico espectáculo. Surpresas sensacionais na revista **Fruto Proibido**.

## LISBOA NA RUA

**Rendimentos dos operários**

Na enfermaria n.º 2, do hospital de Arroios, deu entrada Angelo Paulo, de 35 anos, marítimo, que a bordo do vapor «Douro» foi colhido por um guindaste, ficando ferido na cabeça.

**Atropelamento**

No banco do hospital de São José, recebeu curativo, Antré Cersinio Martins, de 24 anos, alfaiate, residente na rua Maria Andrade, 2, loja, que na rua Gomes Freire, foi colhido e derrubado por um automóvel, ficando contuso nas pernas.

**Agressão mortal**

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, faleceu ontem Francisco Fonseca, de 43 anos, natural de Estarreja, porteiro da Fábrica de Produtos Químicos da Póvoa de Santa Iria, que, como noticiámos, foi no dia 18 último, agredido à facada na mesma fábrica.

**Tentativa de suicídio**

No banco do hospital de São José, recebeu curativo José da Fonseca, de 47 anos, residente na rua Martin Vaz, 7, loja, que ali tentou suicidar-se.

**Entre um camião e uma carroça**

Na enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, deu entrada Joaquim Franco, de 50 anos, natural de Torres Vedras, que na estação de Braço de Prata, ficou entalado entre uma carroça e um camião, ficando contuso no corpo.

**Brincadeiras desastrosas**

No Banco do hospital de São José recebeu curativo e seguiu para casa António Ferreira, de 22 anos, residente na Serra de Monsanto, que, quando com outros estava brincando sob uma oliveira, caiu ficando ferido no rosto.

—No mesmo Banco recebeu curativo André Ferreira, de 39 anos, residente na rua do Salvador, 42, que, andando ali uns indivíduos de brincadeira com um ferro em brasa, foi atingido por este, ficando queimado no olho esquerdo e no rosto.

—Na enfermaria de São Sebastião deu entrada José Claudino, residente na freguesia de Palmás, concelho de Cadaval, que, quando ali passava próximo de um recinto onde uns indivíduos se encontravam jogando a malha, foi atingido por uma delas no rosto e olho direito.

**Desastre ou crime?**

Na rua Vasco da Gama, 60, 4.º andar, reside uma espanhola de nome Carmen Sales, de 56 anos, viúva, que há cerca de três dias desapareceu, que desappareceu na vizinhança suspeita de que alguma coisa de extraordinário se havia passado. Chamada a polícia foi a porta arrombada, sendo a Carmen encontrada ali sem vida. Transportada num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José os cirurgiões de serviço ao Banco verificaram que ela apresentava fractura da base do crânio, pelo que, depois de pensada, recolheu à Sala de Observação, onde continua sem fala.

**Queda mortal**

Faleceu ontem, na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, um indivíduo que havia sido encontrado caído e sem fala na calçada da Ajuda. Aparenta ter 30 anos e vestia de ganga, sendo a causa da morte fractura da base do crânio causada por queda.

**Agressões**

Depois de pensado no Banco deu entrada na enfermaria de São Sebastião, do hospital de São José, João Henriques, residente no lugar de Azervidinha, concelho de Coruche, onde foi agredido com um tiro de arma de caçadeira que o feriu no rosto e lado esquerdo do torax.

—No mesmo Banco foi pensado António Soares Henriques, de 24 anos, natural de Cabeceiras, que foi agredido pela polícia.

**Instituto de Medicina Legal**

Neste estabelecimento deram entrada três fets encontrados abandonados na rua João das Regras, Cais da Visconde e Doca de Santo Amaro e Tiago Vidal Branco, de 60 anos, solteiro, trabalhador, natural da Galiza e residente no Casal do Doutor ao Penedo da Ajuda que ali faleceu sem assistência.

**SECÇÃO TELEGRAFICA**

**C. G. T.**

**Olhão. — Empregados no Comércio.** — Recebemos 52500 para prazos sociais que vamos fazer chegar ao seu destino.

**Federações**

**MOBILIÁRIA**

**Braga. — S. U. Mobilário.** — Recebemos vale do correio, aguardamos officio.

**DE C. C. PELES**

**Porto. — S. U. — Recebido vale telegrafico.** Digam se receberam estatutos.

**COSTRUÇÃO CIVIL**

**Forte do Monsanto. — Avelino de Castro.** — O teu assunto não será descurado.

**Associação de Ponte do Sôr.** — Chamamos a vossa atenção para o officio n.º 1905.

## ABATALHA

### THEATROS & CINEMAS

**São Luís**

**A opereta «Os 28 dias de Clarinha»**

A resurreição da opereta «Os 28 dias de Clarinha» naturalmente esperada pelos que viram a peça há uns bons vinte e cinco anos, e não menos desejada pelos que dela somente tem ouvido falar através do entusiasmo dos primeiros, teve finalmente lugar, em festa do apreciador actor cómico Vasco Santana.

Há operetas e mágicas cuja verve, saído fora do seu tempo, dificilmente acharão hoje quem os tolere, tão repetidos estão já os seus ditos, ou tão falhos de actualidade que só, os contemporâneos dessas obras teatrais, lhe darão o devido valor.

«Os 28 dias de Clarinha» se perdeu um tanto do seu espirito, por essa circunstância, ouve-se porém agradavelmente a prova está em que o público a aplaudiu com hesitação e não erramos se dissermos que dará ainda bastantes representações.

Para o êxito contribui não pouco, a maneira ligeira e bem ligada à frase.

O festejado Vasco Santana que tem no teatro São Luís, um público seu, e que se encarregou do papel que criara primitivamente o actor Alfredo de Carvalho, teve a plateia em constante hilaridade. Bem sabemos que o papel se presta à chalupa, mas Vasco Santana sabe, fora da graça natural dele, tirar os efeitos necessários a fazer rir mais ainda.

Auzenda de Oliveira, que parece não ter passado ainda dos vinte anos, e cuja vivacidade não esmorece, recebeu os aplausos que o seu esplêndido trabalho merecia. Muito bem Beatriz Baptista. Sales Ribeiro cantou bem e disse com naturalidade, Artur de Almeida afinado na sua voz bem timbrado.

O trabalho de encenação muito cuidado.

A regência do maestro Luís Gomes, apurada. Os cenários vistosos, dum colorido discreto e agradável.

**Nogueira de BRITO**

**Festas artísticas**

E' esta noite que se realiza no Apolo a festa artística do popular actor Artur Rodrigues, sendo o espectáculo dedicado ao escritor Lino Ferreira, e representando-se o quadro, «Eu sei tudo» da revista «Sol e Sombra», que é da sua autoria e, também de Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, com música de Filipe Duarte e Carlos Calderon, recriando nesse quadro, o papel que criou de «Gábril» em que tem pilhas de graça. Além desse atractivo, conta ainda o espectáculo da representação integral da revista «Fruto Proibido», que está em pleno êxito.

—Realiza-se amanhã, no Apolo, a festa do actor Hóbeche Bastos, que conta com muitas simpatias. Além da revista de grandioso êxito «Fruto Proibido» haverá também um soberbo acto de cabaret em que tomam parte os artistas canoires D. Beatriz Biplista e Brazão Gamba, bem como os conhecidos cultores da canção nacional Alberto Costa; Joaquim Campos e Pedro Rodrigues.

—Apresenta grandes atractivos a recitação em homenagem a Lina Demoel, vai realizar-se quinta-feira, no Apolo, sendo-lhe o espectáculo dedicado pela empreza Oziel de Carvalho. Nessa recita Elisa Santos fará por gentileza, pela 1.ª e única vez, o número de «O cartaz da propaganda», e a festejada «Filarmónica Nacional», «Fruto Proibido» será ampliada com o número «Flores do Verão», por Lina Demoel e Filomena Casado, uma desgarrada com Elisa Santos, e novos fados à guitarra pela homenagem.

**Reclames**

No Trindade, repete-se, desde hoje até quinta-feira, a peça de Armando Ferreira, «A Aviação», pela companhia Aura Abrachens.

—Hoje, no Nacional, repete-se a engrandecida comédia «A vizinha do lado» em que Joaquim Costa, Rafael Marques, Clemente Pinto, Albertina de Oliveira, Palmira Torres e João Calazans tem os principais papeis.

—No programa de hoje no Coliseu dos Recreios figuram, em segunda apresentação, o notável ventríloquo musical Francis e os admiráveis baristas cário-cômicos Les Valentins, que ontem, na sua estreia, mereceram do público, pelo seu original e correcto trabalho, calorosas e entusiásticas ovações. Os arrojados exercícios de Mr. Azel Mirano no seu «Torpedo Cativo» continuam a despertar as atenções dos espectadores do Coliseu sempre ávidos de trabalhos emocionantes.

—Iniciam-se na «matinée» do próximo sábado, 1 de Março, os oito grandiosos espectáculos com que a Empresa do Teatro Sálao Foz soleniza a época carnavalesca.

—Para estas recitas foram contratados novos números de grandioso êxito cómico. A sala encontrar-se-á durante todo o espectáculo profusamente iluminada, pois não se exibem filmes, de maneira a proporcionar ao público amplo elemento para os seus folguedos. A orquestra incluirá no seu programa animados trechos musicais.

**CARTAZ**

S. CARLOS — A's 21 — «Gullerms» T. L. SALA POZ — A's 14,30 e 20,30 — Variadas.

NACIONAL — A's 21 — «A Aviação» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

TRINDADE — A's 21 — «A Aviação» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada» da L. A. S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Clarinha»

**Coliseu dos Recreios**  
HOJE — A's 21 horas (9 da noite) — HOJE  
Ante-penúltimo espectáculo da  
**Companhia de Circo**  
2.ª apresentação dos notáveis artistas  
**Francis (ventríloquo musical)**  
**Les Valentins (baristas cário-cômicos)**  
que ontem, na sua estreia, obtiveram um extraordinário sucesso  
O número do circo mais sensacional da época  
**O Torpedo Cativo**  
Emoção Arte Elegância  
**CARNAVAL**  
Os bilhetes para os deslumbrantes espectáculos e bailes continuam a vender no camaroteiro bem como para as «matinées»

## AS GREVES

**Gráficos das Casas de Obras**

**NOTA OFICIAL DA COMISSÃO**

Decididamente, se é certo que, no momento triste que atravessamos, se verificam em todas as camadas sociais uma lamentável crise de carácter, podemos afirmar, sem receio de desmentido, que ela é muito mais pavorosa na classe privilegiada, naquela que, habituados há muito a disfrutar uma situação de bem estar à custa do esforço alheio, se valem de todos os processos, ainda os menos aconselháveis, para continuar mantendo, sem a mínima sombra de rebuço uma falaz supremacia sobre os seus semelhantes.

E' com orgulho que fazemos esta afirmação, baseados num eloquente episódio que em breves linhas passamos a relatar:

Um dos sócios da Empresa Rosa Ltd., uma das casas em greve, valendo-se da sua influência junto da direcção duma outra tipografia que, por ter como as outras atendido as reclamações das classes, tem o seu pessoal a trabalhar, conseguiu que dessa casa, com o falso pretexto de falta de trabalho, fossem despedidos dois operários para que esse senhor pudesse, com untuosas falas, armar-se em protector de desempregados, oferecendo a esses dois operários o tentador encargo de *fuira-greves*.

De princípio, pareceu-lhe ter conseguido o almejado fim, visto que as duas criaturas escolhidas para comparsas dessa tragi-comédia, por ignorância, aceitaram a generosa oferta, chegando até a ser apresentados a um dos encarregados da casa, que muito lamentou que eles não fizessem já «compañerías» da respectiva ferramenta. O pior, porém, é que ontem esses colegas enganaram-se no caminho, talvez por falta de costume, e em vez de se dirigirem para a casa para onde generosamente tinham sido chamados, foram ao seu sindicato contar o sucedido e afirmar que, só por ignorância do que se passava nessa casa, se tinham prestado a alimentar as tristes esperanças desses srs. industriais, que, em face do sucedido, se devem ter já comprometido de que o conflito com o seu pessoal só terminará quando eles se resolverem a negociar com esta comissão.

Os dois operários cuja atitude é digna de louvor e está muito acima do procedimento de quem tentou ludibriá-los que são: José Pereira Godinho Júnior e José Moraes, tendo sido o seu gesto apoiado pelo pai do primeiro a quem consultaram após o reconhecimento do laço que lhe pretendiam armar.

Será usando do mesmo processo, que bem pouco recomenda quem o usa, que estes conseguem ter na sua officina uma outra criatura, que está ofuscando com o seu triste e lamentável procedimento o brilho e a coesão duma justa causa? Esta comissão procurará esclarecer o caso afim de esse colega não possa alegar ignorância.

Mintem-se no mesmo estado o conflito no Anuário Comercial, continuando o pessoal disposto a só retomar o trabalho depois de satisfeitos as justas pretensões que o trouxeram à luta.

Esta comissão, reconhecendo as dificuldades da hora presente, convida os colegas das casas em greve, que em piores condições económicas se encontram, a inscreverem-se para o recebimento de auxílio de greve, hoje e amanhã na rua António Maria Cardoso, das 20 h 30 às 22 horas, apelando para todos aqueles que possam dispensar este auxílio, o façam, em benefício dos mais necessitados.

**Comissão pro-aumento de salário**

Por absoluta necessidade de resolver assuntos da máxima importância para o bom caminho do movimento em trânsito, pede-se aos membros da comissão, que ontem não puderam comparecer, a sua presença hoje na sede sindical, às 20 horas.

**Officiais de colchoeiro**

Além das treze adesões já recebidas, a classe conta mais com as seguintes casas que ontem aderiram: Vinha de José António Delgado, José Alves Godinho e Martins & Araújo.

**Pela Exploração do Porto de Lisboa**

**Nota officiosa da Associação dos Empregados**

As noticias publicadas ultimamente, respeitantes à readmissão de alguns funcionários da Administração Geral do Porto de Lisboa, suspensos em virtude de uma sindicância cujo acordam, dado pelo Supremo Tribunal Administrativo, lhes foi abertamente favorável, a Direcção desta Associação, em nome do seu pessoal associado e alheia a tudo o que não seja o interesse do mesmo pessoal, declara que, não tendo interferido directamente no assunto por este estar de há muito afecto a quem de direito, solidariza-se no entanto com os mesmos funcionários e protesta energicamente contra toda e qualquer arbitrariedade, confiando em que o sr. ministro do comércio defenda a inviolabilidade da justiça e da lei.

**Coluna esperantista**

**Curso de Alcântara (Promotora).** — Por motivo de força maior não se realiza hoje a aula do curso elementar, a qual fica transferida para quinta-feira.

### TEATRO NACIONAL

**HOJE**

**a hilariante comédia**

**A VIZINHA DO LADO**

**HOJE**

**a hilariante comédia**

**A VIZINHA DO LADO**

**HOJE**

**a hilariante comédia**

**A VIZINHA DO LADO**

**HOJE**







